

Cidades

ANTONIO COSME/AT



MÃE E FILHO, Ivone de Fátima e Robson Lima Silva tocam junto com outros membros da família a empresa de móveis que começou há 30 anos, em Minas Gerais, e que hoje tem fábrica em Jardim Limoeiro

A TRIBUNA COM VOCÊ EM JARDIM LIMOEIRO

Tradição em fazer móveis coloniais

Feitas por família há três gerações, mesas, cadeiras e armários de madeira de demolição atraem clientes de todo o Estado

Rayza Fontes

Móveis inspirados na época do Brasil Colônia e fabricados com madeira de demolição são o negócio da família Lima há três gerações. O design rústico e o reaproveitamento da matéria-prima são o chamariz do Armazém de Minas, localizada em Jardim Limoeiro, na Serra.

“A fábrica começou em Patos de Minas, em Minas Gerais, com o meu avô, há mais de 30 anos. Não tive outra escolha a não ser traba-

lhar com os móveis, nasci vendo e aprendendo como fazer”, contou Robson Lima Silva, 28, um dos proprietários.

Em Jardim Limoeiro há cinco anos, o Armazém de Minas surgiu após uma pesquisa de mercado e duas viagens bem-sucedidas como ambulantes, para mostrar os produtos.

“Eu vim duas vezes ao Estado trazer alguns móveis como ambulante, só para verificar o mercado. Quando cheguei, vi que a madeira de demolição ainda não era muito usada, assim como os móveis no estilo que fazemos. Um pouco depois trouxe a família toda e montamos a loja e a fábrica”, contou Robson.

Além dos móveis no estilo colonial, a fábrica faz também bancos, mesas, cadeiras, aparadores, cristaleiras, poltronas e criados-mudos de todos os tipos, construídos sob medida.

A madeira de demolição é o material mais usado não somente pela questão do reaproveitamento e da sustentabilidade, mas também pela coloração, que difere da madeira nova.

Ivone de Fátima Lima, 46, também proprietária da fábrica e mãe de Robson, contou que o negócio funciona com a ajuda de toda a família, que trabalha em diversos setores. Para ela, o mais importante são os ensinamentos passados de pai para filho.

“O que eu acho mais bonito do negócio é que quando um não sabe o outro ensina, todos trabalham para o crescimento do Armazém. Espero que os meus netos continuem no ramo, que teve início com o pai do meu falecido marido e continua a todo vapor”, contou.

Ivone ainda contou que, no começo, os móveis eram fabricados manualmente, com a ajuda de serrotes e talhas.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Plantação de limão

- > O NOME Jardim Limoeiro teve origem nas plantações de limão encontradas no bairro.
- > ANTES DO LOTEAMENTO, o local era a fazenda de um padre chamado França.
- > O BAIRRO recebeu os primeiros moradores no final da década de 40. Inicialmente, a região tinha vocação residencial, sem prestação de serviços ou área comercial desenvolvida.
- > NA DÉCADA DE 1970, Jardim Limoeiro recebeu as primeiras fábricas e empresas. O bairro tipicamente residencial passou a ser conhecido pela prestação de serviços, especialmente no setor automotivo.

Fonte: Associação de moradores do bairro

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Jardim Limoeiro, na Serra, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As indicações podem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem mora em outro bairro pode sugerir uma visita do projeto ao local.

AS RECORDAÇÕES

KADIDJA FERNANDES/AT



JOSÉ LEONÍDIO: muita poeira

Décimo morador

O aposentado José Leonídio Fernandes, 80, lembra do dia em que mudou-se para Jardim Limoeiro, na Serra. Ele foi o décimo morador e não tinha muitos vizinhos para compartilhar as dificuldades.

“Não tinha asfalto ou qualquer outra pavimentação. Convivemos por muito tempo com a poeira. Era só andar um pouquinho, pisar fora do bairro para encontrar um enorme matagal”, lembrou ele.

Natural de Itaguaçu, José Leonídio mora na região há 40 anos.

KADIDJA FERNANDES/AT



SALOMÃO FERREIRA: comércio

Água rara e preciosa

Morador de Jardim Limoeiro há 34 anos o aposentado Salomão Ferreira Magalhães, 71, teve problemas com a constante falta de água e de estabelecimentos comerciais. De acordo com ele, as compras eram feitas em Laranjeiras, também na Serra, ou em Jardim Camburi, em Vitória.

“Quando eu cheguei, a água era uma raridade, faltava o tempo todo. Só melhorou depois da construção da caixa d’água que acabou virando um símbolo do bairro. Farmácia e supermercado eram muito difíceis também”, contou ele, que já foi presidente da associação de moradores do bairro.